

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_37_14](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_37_14)

ISSN: 0084-9189

RECENSÃO

Antonio RODRÍGUEZ COLMENERO (coordenador), *Lucus Augusti - I. El Amanecer de una Ciudad*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, A Coruña, 1996. 487 pág. ISBN: 84-897748-05-5.

Integrado na *Catálogo Arqueológica e Artística da Galiza*, que a citada Fundação mecenaticamente está levando a cabo, o volume, redigido em língua castelhana, inicia uma série que prevê a publicação continuada, pormenorizada e sistemática, de estudos - dez, ao todo - sobre “os achados feitos durante os últimos dez anos de intensas escavações arqueológicas levadas a cabo no centro histórico lucense” por iniciativa do Grupo Arqueológico Larouco e que a Fundação Pedro Barrié de la Maza tem patrocinado, como salienta, na nota introdutória, a Condessa de Fenosa, presidente da referida Fundação.

Conimbriga, 37 (1998) ~~267-310~~ 284-287

Como o próprio título sugere, trata-se aqui do “amanhecer de uma cidade”, o gizar das suas origens a partir da investigação já efectuada, sendo cada tema abordado por um especialista na matéria, o que particularmente se saúda como sendo do maior interesse histórico e científico.

Assim, o primeiro capítulo - “Ambiência geográfica e cenário” - é constituído por ensaios sobre: “O clima e os solos da Galícia na época romana”, assinado por Francisco Díaz-Fieros Viqueira; “A vegetação galega durante a época da ocupação romana através do estudo do pólen fóssil” (María Jesús Aira Rodríguez); “Análise polínica e interpretação de carvões em necrópoles galegas de época romana” (María Jesús Aira Rodríguez e R. Uzquiano); “Estudo arqueológico dos restos ósseos achados nas escavações romanas de Lugo (Jesús Altuna e Koro Mariez-kurrena)”; “Do mar ao caminho, do caminho à mesa: a fauna marinha das escavações arqueológicas de 1986, 1990 e 1991 em Lugo (J. M. Vázquez Varela).

Detém o 2º capítulo um âmbito geográfico mais alargado - todo o *conventus Lucensus*: Tito A. Varela estuda as “características biológicas da população galega” na Antiguidade, concluindo que eram muito semelhantes às actuais; e o coordenador do volume, Antonio Rodríguez estende-se por mais de cem páginas (129-242) na miúda especificação do que foi, em seu entender, a organização sociopolítica e a distribuição territorial dos povos pré-romanos do Noroeste.

As fontes epigráficas são, neste domínio, fonte primordial e Rodríguez Colmenero demora-se na polémica surgida em tomo de interpretações sempre problemáticas, designadamente as que se prendem com o significado a atribuir ao C invertido que amiúde surge nas epígrafes daquela zona. Questão difícil de solucionar, bem o sabemos, porquanto esse tipo de textos foram pensados não para o exterior (digamos assim) mas para um público que sabia exactamente o que se pretendia dizer, porque dispunha dos códigos. “Castellum” ou “centuria”, aliás, talvez possa ser opção de somenos, sendo primordial focar que essa menção pormenorizada do ‘grupo’ a que cada um pertence significa, antes de mais e acima de tudo, um espírito de corpo, um apego às “raízes” (como hoje se diz), que caracteriza, de facto, a população pré-romana do Noroeste. Doutro modo, tentando - aqui - esmiuçar argumentos, aduzindo inclusive exemplos doutras áreas peninsulares, ainda que próximas, dificulta a leitura dum texto que se pretenderia de síntese e, assim, entrou por domínios excessivamente técnicos, eruditos.

Fica-nos a impressão de que se carece, para a região, dum novo *corpus* epigráfico, em que, num sempre saudável retomo à pedra, a análise paleográfica assuma o principal papel. Recordaria, a talhe de foice, o controverso texto da igreja paroquial de Asadur, de que se apresenta foto na p. 136, sem que seja discutida a sua autenticidade, posta com razão em causa, por exemplo, por Alain Tranoy (*La Galice Romaine*, 1981, 70), que a considera datável do século XVIII, e reabilitada depois por Patrick Le Roux (AE 1989 435) que, apesar de lhe atribuir um “style contourné”, a data dos primórdios do século

III e de novo a invoca para mostrar “a eficácia duma linguagem rodada, ano após ano, por uma administração preocupada com a sua imagem e os seus interesses” (*Romains d'Espagne*, Paris, 1995, p. 118). Mas há outros textos cuja interpretação poderá ser diversa da que Rodríguez Colmenero aduz: eu retomaria a primeira versão do nome dos dedicantes da ara de Fiães, os *Vicani Vagomicenses*, de acordo com a fotografia da p. 151 ; leria SEVERI, sem mais delongas, no cilindro da p. 163...

Todo o capítulo III, intitulado “Nos inícios duma caminhada histórica”, é da autoria de Rodríguez Colmenero, dado que aí se abordam temas da época romana: as fases da conquista do território pelos Romanos (p. 245-263) e a integração administrativa do Noroeste nas estruturas romanas (p. 265-299); em apêndice, a discussão sobre a autenticidade, que defende (inclusive mediante análise metalográfica), da segunda *Tabula Lougeiorum*, datada do ano 1 da nossa era (p. 301-315).

Dá ideia que, numa primeira versão, o livro terminaria aqui, pois é na p. 316 que se indicam as “siglas e abreviaturas mais correntes” e a “bibliografia consultada” ocupa as p. 317-326 -- a não ser que se trate apenas da bibliografia da parte respeitante à contribuição de A. Rodríguez Colmenero. Na verdade, há ainda um 4º capítulo, “Vantagens e desvantagens de uma implantação urbana” em que se abordam temas como:

- o substrato populacional pré-romano dos arredores de *Lucus Augusti*, da autoria de Enrique González Fernández e Santiago Ferrer Sierra, que dão conta dos castros identificados apresentando a sua bibliografia específica;

- Rodríguez Colmenero interroga-se se *Lucus Augusti* terá sido uma “cidade sem ambiente” (p. 419-423), pergunta que é, de certo modo, a deixa para que Santiago Ferrer Sierra proponha, a partir do estudo das moedas com representação de *caetra*, que esta cidade romana haja nascido de um acampamento romano (p. 425-446);

- para determinarem a procedência dos materiais usados na cidade, A. Casas Ponsati, R. Vázquez Navarro e Marius Vendrell apresentam os resultados do estudo preliminar feito sobre amostras petrológicas e mosaicos (p. 447-467), capítulo ilustrado com sugestivas ‘fotomicrografias’ a cores;

- finalmente, o académico Adolfo de Abel Vilela deduz, com base em notícias documentais recentes, quais as matérias-primas utilizadas na construção de *Lucus Augusti* (p. 469-477), partindo do princípio que não se terão registado grandes alterações.

“Em jeito de síntese” (p. 479-481), de Rodríguez Colmenero, é isso mesmo: uma brevíssima síntese do conteúdo do volume.

Com uma apresentação gráfica magnífica, ilustrações a cores, capa de pano preto e dizeres rasgados a ouro, *El Amanecer de una Ciudad* é, à primeira vista, o livro de prestígio que veicula uma síntese para o leitor médio acerca das origens da Lugo moderna. Pela análise que acabamos de fazer se verifica que, mais do que uma síntese acabada, estamos perante a apresentação cuidada dos dados susceptíveis de, um dia, virem a facultar essa monografia.

Não é, pois, obra para o leitor médio, mas sim muito útil instrumento de trabalho para arqueólogos e historiadores. Nesse aspecto, talvez não tivesse sido despicienda a hipótese de dispormos de índices temáticos que viessem facilitar a sua consulta.

Conhecem os autores a bibliografia portuguesa; continua-se, porém, a não a saber citar: os portugueses devem ser referidos pelo último nome, sem ter em conta quaisquer preposições (Vasconcelos, José Leite de; Encarnação, José d'; Curado, F. Patrício; Bento, Mário Pires). Veja-se, como exemplo que pode trazer dificuldades, o caso de Armando Coelho Ferreira da Silva que, na p. 318, se refere em COELHO e, na p. 415, em SILVA. Curiosamente, até o próprio coordenador do volume vem mal colocado: não em RODRÍGUEZ COLMENERO, como é de norma em língua castelhana, mas em COLMENERO (p. 324), embora na ordem alfabética do ... Rodríguez!